

FORO  
DAS  
LETRAS



FORO  
DAS LETRAS

19/20  
DEZEMBRO 2010

19/20



9 770873 955004

Associação Portuguesa de Escritores-Juristas

**FORO**  
DAS **LETRAS**

**10-20**  
DEZEMBRO 2010

**Associação Portuguesa de Escritores-Juristas**

FICHA TÉCNICA

## FORO DAS LETRAS

**Director**

António Osório de Castro

**Secretário**

José Manuel de Vasconcelos

**Edição**

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES-JURISTAS

Palácio da Justiça

3000 Coimbra

**Presidente**

António Arnaut

**Pré-impressão, impressão e acabamento**

Elo - Publicidade, Artes Gráficas, SA

Rua Almirante Gago Coutinho, 2640-487 Mafra

Tel.: 261 816 770

**ISSN**

0873-9552

**Depósito Legal**

117679/97

**Distribuição**

Coimbra Editora

**Capa**

Pintura de Jaime Silva

### Apoios

Ordem dos Advogados

Bastonário

Conselho Geral

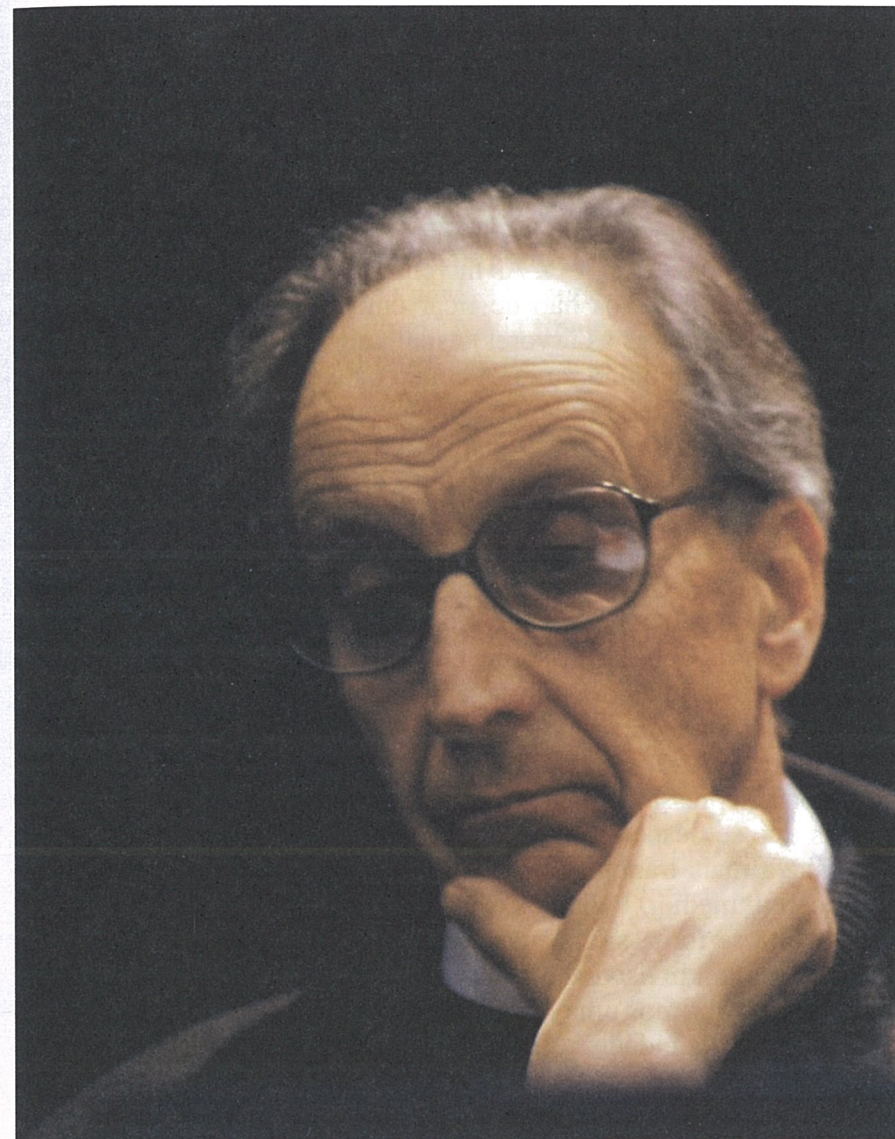
Conselho Distrital de Coimbra

## ÍNDICE

TEMPESTADE EM VENEZA-Fernando Guimarães . . . . .	8
COROAÇÃO DA VIRGEM DE STEFANIO DA VENEZIA-Fernando Guimarães 9	
IM MEMORIAM D.B.: O DESERTO DOS TÁRTAROS-Fernando Guimarães 10	
ACERCA DE UMA ARANHA-Fernando Guimarães . . . . .	11
A SALVAÇÃO DA RIMA-Fernando Guimarães . . . . .	12
JOGAR É PRECISO-Fernando Guimarães . . . . .	13
SOBRE A POÉTICA DE FERNANDO GUIMARÃES-Paula Morão . . . . .	14
DOIS MIL E DOIS-Amadeu Baptista . . . . .	30
SEIS POEMAS-Nuno Dempster . . . . .	33
A LUZ FRATERNA E A VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA-António Arnaut . . . . .	38
TEORIA DOS ELEMENTOS-Albano Martins . . . . .	42
O MEU PRIMO ZÉ OU UM CASO DE AMOR-Rui Caeiro . . . . .	43
I TRE AMICI-Nuno Brito . . . . .	45
ARTUR THOMPSON EM ANDORRA-Nuno Brito . . . . .	46
HIROSHIMA DOS SETE SÓIS-Nuno Brito . . . . .	50
EX-VOTO-Ernesto Rodrigues . . . . .	51
SONETO-Ernesto Rodrigues . . . . .	52
A INTIMIDADE DO LIVRO PELOS OLHOS E DEDOS DO PROF. JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS-Carlos Ventura . . . . .	53
QUATRO POEMAS-António M. Ferro . . . . .	58
PELA BEIRA ALTA, NO RASTO DE AQUILINO RIBEIRO-Manuel de Lima Bastos . . . . .	61
DESTINO TURÍSTICO-Julieta Monginho . . . . .	75
DEAD LETTER PARA FRANK O' HARA-José Manuel de Vasconcelos . . . . .	38
A MÃE E A FILHA-Paula Cristina Costa . . . . .	82



SEIS POEMAS DE VICKY FEAVER .....88  
 LAS FRONTERAS COM PORTUGAL-Pilar Gómez Bedate .....94  
 QUATRO POEMAS-Francisco José Craveiro de Carvalho .....110  
 ALANDALUS HOJE - 5 POEMAS DE MICHEL SLEIMAN-Alberto Sismondini  
 .....113  
 POEMAS DE ALFREDO PÉREZ ALENCART .....121  
 EVERYTHING IS FINE-Elisa Catulo .....126  
 UMA MEMÓRIA DO FUTURO-Elisa Catulo .....128  
 DOIS SONETOS E UMA GLOSA-Fernando Miguel Bernardes .....132  
 TRÊS HISTÓRIAS PARVAS-Rogério Pires de Carvalho .....137  
 POEMAS DE «E AGORA PRECISO DO MUNDO»-João Borges .....148  
 OH-Rui Caeiro .....154  
 INSTANTÂNEO NO COLOMBO-Rui Caeiro .....155  
 A MORTE E A LAMPARINA-Rui Caeiro .....156  
 UM CORPO-Rui Caeiro .....157  
 LITERATURA POLICIAL PORTUGUESA DOS ANOS 30: REINALDO  
 FERREIRA E A «NOVELA POLICIAL»-Gianluca Miraglia .....159  
 POEMAS DE ANTONIO CATALFAMO .....168  
 O VISITANTE-Vilma Guimarães Rosa .....177  
 FUTURISTAS NA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE  
 COIMBRA. DÉCADAS DE 1910 E DE 1929-Rita Marnoto .....185  
 A PERMANÊNCIA DO CAOS E DA NOITE, A OBRA PLÁSTICA DE MOITA  
 MACEDO-José Manuel de Vasconcelos .....193  
 ANTÓNIO OSÓRIO POESIA REUNIDA (1965-2009)-Eugénio Lisboa .....202  
 NOVOS COLABORADORES .....207



Estou agora à espera do meu personagem visitante. Ele virá?  
A sua identidade continua sobre a minha mesa.

\* De *Mistérios do Existir*, 2 ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006, p. 13-21.

## FUTURISTAS NA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. DÉCADAS DE 1910 E DE 1920

Rita Marnoto

A Faculdade de Direito é uma das mais antigas da Universidade de Coimbra. No ritual da Sala dos Capelos, ocupa o segundo lugar. É por isso que os lentes que a representam tomam assento, nos cadeirais, à esquerda do Reitor. Só aparentemente poderá parecer paradoxal, todavia, o significativo número de estudantes de Direito que, nas décadas de 1910 e de 1920, aderiram e propulsionaram o Futurismo. Na verdade, respiravam-se, na Faculdade de Direito, as grandes tendências intelectuais que alastravam pela Europa.

O primeiro desses estudantes foi Francisco Lopes de Azevedo Coelho de Matos Castelo Branco Levita, nascido em Portalegre em 1894. Acabado o curso, partiu para Luanda, onde assumiu as funções de Procurador-Geral da República, e onde morreu, suicida, em 1924. Matriculou-se em Direito no ano de 1913-1914, e terminou o curso regularmente, cinco anos depois. Personalidade excêntrica e esfu-siante, granjeou uma tal popularidade que logo passou a ser conhecido como Xico Levita. A sua irreverência ficou gravada nas memórias coimbrãs de Rafael Salinas e Octaviano de Sá.

De entre os episódios que o celebrizaram, o que o levou até ao Buçaco tem o sabor escandaloso de um desafio refinadamente vanguardista. Alugou um carro e, juntamente com dois colegas, dirigiu-se para o Palace, onde a entrada de estudantes na sala de jantar fez estremecer a seleccionada clientela. Encomendou galinha com chocolate, omelete de pêsego e, a acompanhar, champanhe francês. Na verdade, de regresso, os estudantes não aguentaram o jantar muito tempo no estômago. Mas quem assim procedia estava a par do largo espectro do programa futurista e do seu objectivo de renovar todos os âmbitos de vida, do vestuário à alimentação, contestando os códigos instituídos através de uma irreverência inventiva.

Publicou dois livros de poemas, *Ilusões!...*, de 1915, ligado à estética simbolista, e *I assim...* Poemas de Francisco Levita seguidos

do *Elogio do I e da tragédia em 1 acto Amor! Amor!*, no ano seguinte. O elenco das obras que diz ter em preparação, apresentado nas páginas iniciais deste último livro, inclui os promissores títulos: Ódio aos cantos; O amor dos astros. Estudo poético do amor cosmogónico; Camões como futurista; e Junqueiro, o Almeida Garrett do Futurismo. De acordo com estratégias comunicativas muito exploradas pelas vanguardas, o leitor é incentivado a participar activamente. Chegado ao fim do livro e à rubrica do índice, é confrontado com a seguinte nota, acompanhada por uma chaveta: Há que ler nas páginas. O poema intitulado (1) A criação do Nada!, formado por 13 linhas de pontos, encerradas pelo verso final E foi assim que o nada se creou!, derroga valores e códigos literários de longa incidência. Sob o ponto de vista formal, faz estiolar uma tipologia métrica com sete séculos de história, o soneto. Mas Levita também desenhava, e explorou a associação entre palavra escrita, som e imagem plástica. Desenhou um ex libris, de boa feitura modernista, onde figura, além do mais, o excerto de uma pauta com sinais de música.

Foi autor do manifesto Negreiros-Dantas. Uma página para a história da literatura nacional (1916). Quando, em Lisboa, sai o célebre Manifesto anti-Dantas e por extenso por José de Almada-Negreiros poeta d'Orpheu futurista e tudo, o país estremeceu perante a arrogância com que um jovem de pouco mais de 20 anos ousava desafiar o vetusto Júlio Dantas. Francisco Levita não teria ficado menos chocado, mas por outros motivos. É esse o cerne do seu manifesto: dignar-se dar atenção a semelhante figura, é ser igual ou pior do que o próprio Júlio Dantas, é ser o Dantas n.º 2, conforme escreve a rematar.

Também sob o ponto de vista gráfico o manifesto é muito arrojado, com procedimentos de vanguarda que passam pela disposição da mancha tipográfica e pelo uso de caracteres diversificados, de maiúsculas e outras letras colocadas de forma irregular, e até de números.

Francisco Levita e Almada Negreiros têm um património de vivências em comum. Levita nasceu um ano depois de Almada (1893-1970) e ambos estiveram ligados, durante um certo período, que para Almada foi breve, ao ambiente estudantil de Coimbra. Em Outubro

de 1910, Almada é o n.º 6 da Turma D da 6.ª classe, Secção de Ciências, do Liceu Central de Coimbra. Jogou na Académica e perdeu o ano por faltas. Desde 1900 que Almada Negreiros e o seu irmão mais novo frequentavam o Colégio de Campolide, mas esta instituição teve de fechar as suas portas com a instauração da República. Os jovens foram então enviados para Coimbra, ao cuidado de um amigo do pai, o insigne botânico Júlio Augusto Henriques, que assina a sua ficha de matrícula, na qualidade de encarregado de educação. Traziam na bagagem as experiências de dois jovens que sempre tinham vivido num colégio interno, e esse momento proporcionou-lhes o primeiro contacto, em liberdade, com o mundo urbano.

Francisco Levita encontrava-se muito ligado aos meios intelectuais da época. O manifesto Negreiros-Dantas maneja todo um vocabulário próprio de uma área que começava a ter larga divulgação, suscitando até um certo entusiasmo — a da fotografia. A linguagem especializada própria da representação fotográfica e das modalidades de captação da imagem enche-se de sentidos metafóricos, explorando ressonâncias interiores fulgurantes. Se o seu alvo é Almada, nele se acumulam várias remissões para os poetas de Orpheu e para a estética do sensacionismo, numa profusão de sons e de cores.

Mas a sua ligação aos meios intelectuais da época assume, mais do que isso, repercussões de carácter projectivo. O círculo de vanguardistas que em torno dele se reunia, além de mostrar o potencial irradiante do autor do Negreiros-Dantas, traduz o reconhecimento público do seu carisma. Na revista *O Trovão*, editada em Coimbra em 1917, foram publicadas composições escritas à maneira de Levita que caricaturam o seu Futurismo. Mas, além disso, também o grupo de vanguarda que entretanto se formara na Figueira da Foz circula na sua órbita.

Ligados a esse grupo, vamos encontrar dois contemporâneos de Levita na Faculdade de Direito, embora mais novos, António Mariano da Cunha Goulart, que nela entrou em 1915-1916, e Luís Joaquim Pinto, que se inscreveu no ano seguinte. Quando Rafael Salinas nos diz que Levita fez a sua incursão até ao Buçaco acompanhado por dois colegas, é fascinante imaginar que se trataria destes dois novatos.

Luís Joaquim Pinto era natural de Montemor-o-Novo, estudou em Coimbra, e esteve ligado à revista Fauno. Literaturas decadentes, com um único número editado na Figueira em 1917. Não era propriamente um vanguardista, pois tanto esta revista como o seu livro de poemas, Horas mortas, seguem as vias do decadentismo e do simbolismo. Foi amigo de Goulart, a quem dedicou um soneto fúnebre em 1930.

Por sua vez, António Goulart, juntamente com um outro figueirense, António Correia Pinto de Almeida, editaram um livro de Sonetos mínero-metálicos, em 1917, assinado por Amargo Doce [chaveta] ãa Antonio [sic], que, logo na sua dedicatória, adopta a mesma linha de provocação a Júlio Dantas: Ao Sr. Júlio Dantas, médico em literatura e literato em medicina, ourives mimoso da forma e supremo joalheiro do ritmo. Emoções e anseios são traduzidos através de um enunciado onde pontificam substâncias químicas, minerais e metálicas, a desafiarem os catorze versos do soneto. Algumas composições do mesmo teor, assinadas por António (Doce-Amargo), por outros poetas ou por outros pseudónimos continuaram a sair no jornal O Figueirense.

Provável elo de ligação entre estes protagonistas do Futurismo, seria o filósofo Joaquim de Carvalho, também ele natural da Figueira da Foz (1892-1958), que se licenciou em Direito na Universidade de Coimbra em 1914. Na sua biblioteca particular, possuía um exemplar da segunda edição do Negreiros-Dantas com dedicatória pessoal.

Chegado o ano de 1925, o Futurismo em Coimbra voltou a ser notícia. Desta feita, a informação é dada por um artigo que saiu no Diário de Lisboa, a 13 de Março, onde se conta que, em Coimbra, está a ser preparada uma revolução artística. Intitula-se "O movimento futurista de Coimbra", e faz uma entrevista ao seu líder, Mário Coutinho, que apresenta as linhas gerais do movimento. Das actividades projectadas, consta um manifesto, que é o Coimbra manifesto 1925, assinado sob pseudónimo por Mário Coutinho, João Carlos Celestino Gomes, Abel Almada e António de Navarro; uma conferência intitulada Sol, proferida por António de Navarro, a primeira de uma série em preparação; e uma revista de arte e literatura que teria o mesmo nome.

António de Albuquerque Labart de Soutomaior Navarro de Andrade (1902-1980) vinha de Nelas e estudou Direito. Frequentou depois a Escola Superior Colonial e desempenhou funções em Lourenço Marques, mas é como poeta que o seu nome é hoje mais recordado. Os seus versos mantiveram sempre uma propensão para a irregularidade construtiva, o que mostra até que ponto a aventura de vanguarda marcou a sua escrita, muito para além do capítulo coimbrão. Usou o pseudónimo de Príncipe de Judá, que não pode deixar de remeter para a figura bíblica de Sesbazar, o Príncipe da tribo de Judá a quem são entregues os bens preciosos destinados à reedificação do Templo de Jerusalém. Sesbazar é um nome babilónico que significa 'deus-sol defenda o Senhor'.

Coimbra manifesto 1925 associa a arte de vanguarda à clareza tipográfica. São factores de uniformidade, quer a fonte menor de letra utilizada, que constitui uma dominante, ao longo do texto, quer a disposição em duas colunas. Sobre esse pano de fundo, a inclusão de caracteres diversificados, em tamanhos maiores, ganha particular evidência. A sua disposição, a inserção de algumas palavras dentro de esquadrias e o recurso a símbolos de vária ordem criam efeitos de simetria. Na folha da frente, um primeiro bloco de texto compacto, colocado na parte superior, tem por contraponto um bloco inferior onde as maiúsculas e o negrito se dividem pelas duas colunas. No verso, esses mesmos efeitos repartem-se por duas colunas verticais, em continuação. A sua filiação futurista é desde logo declarada, e de forma eloquente, pelas duas citações de Marinetti que o encabeçam. A primeira, é tirada do início do Manifesto técnico da literatura futurista (1912). A segunda, corresponde à frase que remata o Manifesto de fundação do Futurismo (1909).

O texto é constituído por quatro blocos textuais, cada um deles assinado por um dos estudantes. O último, do Príncipe de Judá, apresenta particular interesse, por nele estarem condensadas, muito provavelmente, as linhas estruturantes da sua conferência no Teatro Sousa Bastos. Na verdade, o banho de agulheta que a breve trecho inundou o conferencista e a sala não lhe deu oportunidade de se



alongar, mas a sessão correspondeu plenamente às expectativas de um perfeito futurista.

O livrinho *Guarda-sol. Exortação à mocidade futurista precedida dum prefácio às frontarias. Abaixo a cor! Bendita a lua!* traz para a ribalta mais um futurista que se sentou nos bancos da Faculdade de Direito a partir do ano de 1924-1925, Humberto Silveira Fernandes, natural de Borba (1908-1928), que usou o pseudónimo de Humsilfer. Trata-se de um octógono que abre da esquerda para direita. O seu autor era colega de curso de Navarro e a publicação, desde o seu título, apresenta-se como provocação a um movimento que girava à volta do conceito de Sol. É dedicado a Almeida Negreiros e parodia quer o *Negreiros-Dantas*, quer o *Coimbra manifesto 1925*. Tem a maior importância, ao mostrar que a actividade vanguardista das décadas de 1910 e de 1920 era situada numa linha de continuidade.

Como é sabido, a evolução das ideias estéticas do século XX é pontuada por uma série de revistas que traduzem os sucessivos movimentos de agregação, dispersão e reagregação, de escritores e intelectuais, em torno de programas ou tendências. A década de 1920 marca, a esse propósito, um claro ponto de viragem. Até 1925, saem, em Coimbra, as revistas *Byzancio* e *Triptico*. Os horizontes da primeira não extravasam os padrões de um simbolismo de gosto decadente. Pelo que diz respeito à segunda, vislumbra-se a ideia de ligar literatura e artes plásticas, como o sugere o seu subtítulo: *Arte, Poesia, Crítica*. O grande salto será dado, porém, em 1927, com a *Presença*.

Na entrevista que José Régio, assinando M. D., fez a António de Navarro, publicada em 1979, quando foram comemorados os dez anos da sua morte, Navarro transmite a ideia de que o movimento em preparação obedecia a uma planificação em duas fases: inicialmente, um primeiro grito, uma interjeição de revolta, e, de seguida, um trabalho construtivo, que iria afirmar a vitalidade de Coimbra e o lugar por esta cidade ocupado no panorama nacional. Seria um momento de equilíbrio, associado à criação de uma revista. António de Navarro identifica, pois, a actividade do movimento futurista de Coimbra, como precedente da *Presença*.

O movimento futurista de Coimbra, a tal revolução artística anunciada nas páginas do *Diário de Lisboa* a 13 de Março de 1925, foi a rampa que proporcionou a superação de um impasse, no sentido da determinação da acção e da clarificação de propósitos. Marinetti e o Futurismo italiano erigem-se, por consequência, em elo essencial, na passagem de *Byzancio* e *Triptico* para a *Presença*, como se fossem o trampolim que permitiu a um projecto, a certo momento carente de fôlego, capitalizar a força e o vigor que a breve prazo o iriam relançar.

Oriundos das mais diversas zonas do país, estes adeptos da vanguarda futurista têm em comum o facto de serem estudantes da Faculdade de Direito. Por paradoxal que possa parecer, são os peritos do cânone, na sua formação, na sua evolução e na sua aplicação, a enfileirarem num programa de radical renovação, que tem por objectivo cortar as pontes com o passado, com a tradição e com as normas instituídas. Na verdade, estiveram em causa momentos efémeros do seu percurso vivencial, passados num ambiente onde a dedicação aos livros tem por reverso a irreverência própria do meio coimbrão. Aliás, a dimensão pontual das intervenções é característica da arte de vanguarda, cujos fulgores, a repetirem-se, facilmente caem nas malhas do academismo. Afinal, os estudiosos do cânone, sendo aqueles que melhor conhecem a arte da sua construção, com maior vigor puderam também proceder à sua desmontagem, pondo a nu o reverso do seu funcionamento — radicalmente.